

Entre o primeiro e o último dia

Tuísa Machado Sampaio

8

O primeiro dia é sempre o mais assustador, de tudo. O desconhecido, a ideia de não me adequar ou talvez me adequar até demais e depois ter uma lacuna daquela experiência no cotidiano, o medo de uma sensação de deslocamento, ou pensar que talvez eu não fosse suficiente para a licenciatura, e até mesmo encontrar um choque geracional que trouxesse os questionamentos de como me preparar para lidar com o/a aluno/a daquele momento, de uma geração que talvez não conseguisse reconhecer. Era como o primeiro dia de uma novata em uma escola nova.

Passar pelos portões de uma escola estadual no primeiro dia da parte prática do Estágio I trouxe esse medo do desconhecido. Tão logo essa marca temporal passou, a noção de que a realidade de uma escola do ano de 2022, quando tinha me formado no ensino médio em 2008, era algo muito distante, se perdeu na proximidade e no acolhimento que senti com os professores e estudantes. Passado o medo e a insegurança, permiti-me também fazer parte do dia a dia dos alunos e, o mais especial, contribuir para fazer a diferença na educação de quem eu conseguisse.

Foi no meu último dia, no entanto, que tive a experiência que me marcou na escola. Durante as semanas que passei no colégio, havia auxiliado um aluno autista da terceira série numa atividade em data anterior àquela. No último dia, o professor solicitou-me que ajudasse o discente novamente. A pri-

meira dificuldade começou com o sentar-se na cadeira. Como o adolescente tinha TOC de limpeza, eu tive que ir até a sala dos professores pegar álcool para a higienização da cadeira e mesa, caso contrário ele não iria se sentar. Ao retornar, descobri que ele queria que fosse álcool líquido e não em gel. Mais uma vez fui até a sala dos professores e trouxe o álcool “certo”. Mesa e cadeira higienizadas, mãos à obra.

Por mais que o estudante tivesse suas limitações e necessidades próprias para iniciar a atividade, ele foi muito aberto a ouvir. Era perceptível que esse aluno queria fazer o exercício, porém não sabia como. O professor tinha um costume de explicar algumas atividades no quadro por meio de esquemas, e acredito que isso dificultava ainda mais a compreensão do discente autista. Consegui perceber que ele melhor compreendia quando as explicações eram lineares. Conversando sobre a atividade que consistia em uma construção de um parágrafo nos parâmetros do ENEM, deparei-me com um obstáculo pessoal que me levou a duvidar um pouco da minha capacidade no momento.

Nunca fiz ENEM nos moldes atuais. As duas vezes em que eu ingressei na UFRN foram por meio de provas da COMPERVE. Em nenhum momento estudei para fazer uma redação do Exame Nacional do Ensino Médio, então eu estava olhando para aquelas diretrizes pela primeira vez, com um olhar de quem não apenas tinha que en-

tender, mas que também tinha que decodificar para outrem. E se eu explicasse errado? Colocando minhas dúvidas um pouco de lado, decidi fazer o que podia na hora: dar o melhor de mim.

Conversei com o estudante para saber as ideias que ele tinha sobre o tema da redação, a pena de morte. Assim, construímos o parágrafo a partir das ideias dele, dei alguns insights e lapidei certos pontos do que ele falava porque era um assunto do qual eu tinha conhecimento, apesar de há anos não trabalhar com ele. Em algum momento da minha primeira graduação, em Direito, escrevi um artigo justamente sobre a pena de morte. A abolicionista penal que habita dentro de mim tem seus momentos de querer ver a luz, porém ela se segurou para possibilitar que fossem apenas as ideias dele ali, e com um bom embasamento. Eu sabia que em termos de construção de contexto de realidade o parágrafo dele com as minhas informações ficaria muito rico, porém meu medo era de não conseguir ensinar-lhe a estrutura de forma adequada pela minha própria falta de experiência.

Nesse ponto, preciso abrir um parêntese para comentar que não acho que o professor tenha dado uma bagagem de conteúdo suficiente para que os estudantes pudessem discutir essa temática. Pelos comentários que pude escutar acerca dos textos dos outros alunos, muitos deles não conseguiam argumentar por falta de informações sobre o tema. Teria sido importante

um aporte teórico sobre o que é a pena de morte, sobre cláusula pética, sobre como aplicar outras formas de penas, dados acerca do sistema prisional... e não falo isso não apenas como alguém que naquele momento estava unindo duas áreas de conhecimentos afins, mas pelo fato de que meu “eu” estudante de redação tenha sido lapidado dessa maneira.

Retornando ao momento de diálogos entre mim e o aluno, percebi também que ele era muito mais atencioso e focado no contato individual do que na aula coletiva e se beneficiaria bastante de um tutor para auxiliá-lo nas tarefas. Ao tratarmos dos argumentos do parágrafo a ser produzido, fui mostrando a eles os conectivos, os quais o professor havia informado que precisavam estar nos textos, e fui escrevendo os períodos na construção adequada para formar o parágrafo a partir das ideias e argumentos dele (esse formato foi realizado a pedido do professor) para em seguida o aluno copiar.

Em seguida, quando o estudante levou ao professor o parágrafo para ser corrigido, a dúvida me deu uma ansiedade novamente: o que eu havia comunicado teria sido suficiente? A única correção feita pelo docente fora acerca das letras maiúsculas que o aluno tinha esquecido de pôr no início das frases. Com a sensação de dever cumprido, a cereja do bolo foi, algum tempo depois, ver que o estudante que eu ajudara por não conseguir entender como fazer a atividade estava explicando a outro aluno o que ele

tinha errado. Percebi que eu tinha sido bem sucedida em me comunicar com o estudante de modo que ele teve condições de repassar aquilo que lhe fora explicado e havia aprendido.

A experiência de realmente me sentir capaz de fazer a diferença foi a mais gratificante possível. Assim, entre o primeiro e o último dia deixei de lado a marca temporal de horas, minutos, semanas, para me preencher em um ciclo de aprendizado e amadurecimento que não poderia ser medido no relógio, mas sim em satisfação, vontade e um sentimento de dever cumprido.
